

Na Ponta da Língua

Língua Portuguesa | 6.º ano

@poio na Internet
www.portoeditora.pt/manuais

CADERNO DO PROFESSOR

	Pág.
Testes de compreensão oral	2 a 5
Testes de compreensão escrita	6 a 11
Textos para pontuar	12 a 15
Textos para resumir	16 a 21
Textos para esquematizar	22 a 25
Construção de textos	26 a 29
Soluções	30 e 31

Notas

1. Todos os materiais deste caderno destinam-se a ser **fotocopiados**, na totalidade ou parcialmente, conforme a actividade proposta.
2. As actividades das páginas 16 a 25 podem ser realizadas nas aulas de **Língua Portuguesa** ou de **Estudo Acompanhado**.
3. Várias das actividades propostas podem ser realizadas individualmente, em pequenos grupos de trabalho ou colectivamente.

COMO NASCERAM AS ZEBRAS



Há muitos anos, na grande e famosíssima cidade de Correquelodormes, havia uma avenida tão comprida que só com binóculos se via onde começava.

Os cocheiros gostavam muito dessa avenida porque os cavalos andavam ligeirinhos, e os clientes chegavam num instante onde queriam chegar.

E os que andavam a pé não gostavam nada.

Atravessar a avenida da cidade de Correquelodormes era uma grande aventura. E às vezes havia atropelamentos.

Um dia o Anastácio Inventor, muito conhecido no sítio onde morava, arranjou forma de atravessar com calma e com segurança a larga avenida.

Que é que ele fez?

Pegou na zebra que tinha em casa e mandou-a parar no meio da avenida. Os cavalos, ao verem a prima às riscas, pararam para a cumprimentar. E o Anastácio atravessou a avenida, todo sorridente para os cocheiros, que ficaram com ar carrancudo.

E a moda pegou.

Quem tinha zebra levava-a para o trabalho, às compras, à escola e ao teatro.

Mas nem tudo correu bem.

O presidente da cidade de Correquelodormes ficou muito preocupado. É que as zebras comiam tudo o que era verde, distraíam os cavalos, e os jardins estavam a ficar carecas.

O presidente andou um mês a pensar no problema. E um dia mandou anunciar que as zebras estavam proibidas de andar na cidade de Correquelodormes.

Para que não houvesse protestos mandou pintar zebras em muitos sítios da avenida.

Mas como havia pouca tinta, os empregados só pintaram as riscas.

Toda a cidade ficou satisfeita.

E é por isso que ainda hoje há zebras nas estradas e avenidas de todo o mundo.

Mas ninguém se lembra do Anastácio Inventor.

Que grande injustiça!

António Mota, *Abada de Histórias*, 2.ª ed., Ed. Desabrochar, 1989

Título do texto ouvido:

COMO NASCERAM AS ZEBRAS

Indica se são verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmações:

V F

- a. Esta história passou-se numa cidade pouco conhecida chamada Correlogodormes. ☐ ☐
- b. Nessa cidade havia uma enorme avenida. ☐ ☐
- c. Aí transitava-se facilmente e, por isso, todos os habitantes gostavam daquela avenida. ☐ ☐
- d. Um dia, o Anastácio Inventor descobriu uma maneira de atravessar a avenida com calma e segurança. ☐ ☐
- e. Levou a zebra que tinha em casa para o meio da avenida. ☐ ☐
- f. Quando os automobilistas a viram, ficaram surpreendidos e todos pararam. ☐ ☐
- g. A partir desse dia, muitos habitantes decidiram andar de zebra para todo o lado. ☐ ☐
- h. Então, como as zebras destruíam os jardins, Anastácio Inventor ficou preocupado e foi falar com o presidente da cidade. ☐ ☐
- i. Este decidiu proibir as zebras de andarem nos jardins. ☐ ☐
- j. Ao mesmo tempo, para evitar protestos, o presidente mandou pintar várias zebras na avenida. ☐ ☐
- l. Para terem menos trabalho, os empregados só pintaram as riscas. ☐ ☐
- m. As pessoas protestaram, mas tiveram de aceitar. ☐ ☐
- n. Desde então, em todo o mundo, pintaram-se zebras nas estradas e avenidas. ☐ ☐
- o. Quanto a Anastácio Inventor, ainda hoje é recordado como o inventor das zebras. ☐ ☐
- p. Este conto narra a forma como nasceram as passadeiras de peões. ☐ ☐

A CANETA ZITA



Estava na montra da loja. Ali posta na vitrina, bem encaixada no seu estojo de veludo vermelho, numa caixinha de cartão. A tampa prateada lançava reflexos de cada vez que as luzes do reclamo luminoso bem por cima da porta da entrada se acendiam.

Ora uma tarde de chuva, parou um senhor bem-posto de grandes bigodes junto da montra. Olhou um bom bocado e por fim entrou na loja e dirigiu-se ao balcão.

– Que deseja? – perguntou o empregado.

– Queria uma caneta – respondeu o senhor –, mas que escreva bem.

Vieram os dois até junto da montra a conversar e a canetinha foi prestando atenção à conversa. Sentiu que o empregado pegava nela e, quando a destampou para examinar o aparo, ouviu distintamente o senhor bem-posto repetir:

– O que é preciso é que escreva bem – e pegando nela escreveu várias vezes o nome num papel. – Serve – disse. Depois, o empregado fechou o estojo e ela sentiu que a embrulhavam num papel.

Muito mais tarde, já em casa do senhor bem-posto foi desembulhada. Era uma casa bonita de móveis agradáveis, mas o que mais encantou a canetinha foram as crianças, o João e a Anica, que logo rodearam o pai. Então ele pegou nela e entregou-a ao João.

– Pronto, aqui tens a caneta para o exame de amanhã – disse ele.

“Ah! Já percebi – pensou a canetinha –, é então por isso que é preciso escrever bem. Um exame é sempre um exame, uma coisa importante!”

E de facto era uma coisa importante, como ela verificou no dia seguinte, quando o João a levou com ele para a escola.

Um senhor com ar de autoridade, decerto o professor, pensou ela, fez a chamada em voz alta à porta da sala. Depois, todos os alunos entraram na sala e ocuparam o seu lugar nas carteiras. O professor veio entregar uma folha branca a cada um e outra escrita à máquina onde estavam as perguntas. Deu a volta à sala sempre com um arzinho um pouco grave, como convém num exame, e por fim disse:

– Podem começar.

Ora aí, segundo verificou a caneta Zita, é que começou o suplício do João. Ela via-o nervoso a ler e reler as perguntas. De vez em quando pegava nela mas voltava a pousá-la. Coçava a cabeça, olhava para o texto, parecia mesmo não saber o que fazer.

– Coitado do João, parece que não estudou nada. Gostava muito de o ajudar, mas não posso.

E não podia, na verdade, pois uma caneta escreve só aquilo que o dono quer que ela escreva.

Foi esta a história que, um dia destes, quando fui a casa da Anica a caneta Zita me contou, pedindo ao mesmo tempo para eu explicar aos leitores que uma caneta que se preza escreve aquilo que lhe mandam e, por muito bem que escreva, não pode substituir a falta de estudo ou os erros do seu dono. Aqui fica dito.

Título do texto ouvido:**A CANETA ZITA**

Escolhe as afirmações correctas:

1. A caneta Zita encontrava-se

- a.** na montra de uma loja; ☐
- b.** sobre o balcão de uma loja; ☐
- c.** na vitrina do balcão de uma loja. ☐

2. Um senhor passou pela loja e

- a.** entrou imediatamente; ☐
- b.** olhou demoradamente a montra; ☐
- c.** chamou o empregado. ☐

3. O senhor tinha

- a.** um guarda-chuva; ☐
- b.** grandes bigodes; ☐
- c.** um ar sério. ☐

4. Ele pediu ao empregado uma caneta

- a.** de boa marca; ☐
- b.** para oferecer; ☐
- c.** que escrevesse bem. ☐

5. Para decidir,

- a.** experimentou várias canetas; ☐
- b.** experimentou uma só caneta. ☐

6. A caneta Zita foi levada para uma casa

- a.** rica e cheia de móveis; ☐
- b.** bonita e bem mobilada; ☐
- c.** agradável de móveis caros. ☐

7. O senhor entregou a caneta

- a.** aos filhos; ☐
- b.** à Anica; ☐
- c.** ao João. ☐

8. A caneta foi oferecida para

- a.** o João a utilizar num exame; ☐
- b.** dar sorte ao João num exame; ☐
- c.** permitir que o João fizesse um bom exame. ☐

9. Durante o exame, a caneta

- a.** tentou ajudar o João; ☐
- b.** obrigou o João a ler e rere as perguntas; ☐
- c.** não pôde fazer nada pelo João. ☐

10. A caneta deixou um recado aos leitores:

- a.** uma caneta só escreve aquilo que lhe mandam; ☐
- b.** uma boa caneta pode ajudar-nos nas dificuldades; ☐
- c.** deve-se escolher uma boa caneta para um exame. ☐

Lê o texto **em silêncio** e responde às perguntas que se lhe seguem

A HISTÓRIA DE ARACNE

Aracne estava sentada ao seu tear, tecendo maravilhosos padrões de fios brilhantes. Sorria enquanto trabalhava e cantava uma pequena canção alegre. Vinham pessoas da aldeia dela e de todo o país para admirarem as coisas bonitas que esta rapariga tecia. Aracne adorava ouvi-las dizer que habilidosa que ela era, e tornou-se muito vaidosa.

– Eu sei tecer padrões melhores do que até a própria deusa Atena – vangloriou-se ela ao falar com uma mulher idosa.

– Cala-te, Atena pode ouvir-te – sussurrou a mulher.

– Não me importa que ela ouça – disse Aracne em voz alta.

Ora toda a gente sabia que era muito perigoso falar dos deuses e das deusas. Se ouvissem alguma coisa que não lhes agradasse, podiam pregar partidas desagradáveis às pessoas.

Nesse momento, Atena apareceu à porta da casa de Aracne. A rapariga, que estava sentada ao tear, levantou-se de um salto e ajoelhou-se perante a deusa da tecelagem, erguendo orgulhosamente o olhar para ela.

– Parece que te ouvi falar no meu nome – disse Atena. – Vim ver as tuas tapeçarias. – A deusa sorria, mas a sua voz era tão gelada que todos os que estavam a observar fugiram, assustados. Atena olhou para a peça que estava a ser tecida no tear. – Sim – disse ela, – devo admitir que o teu trabalho é muito bom.

– Serias capaz de fazer melhor? – perguntou Aracne, com ousadia.

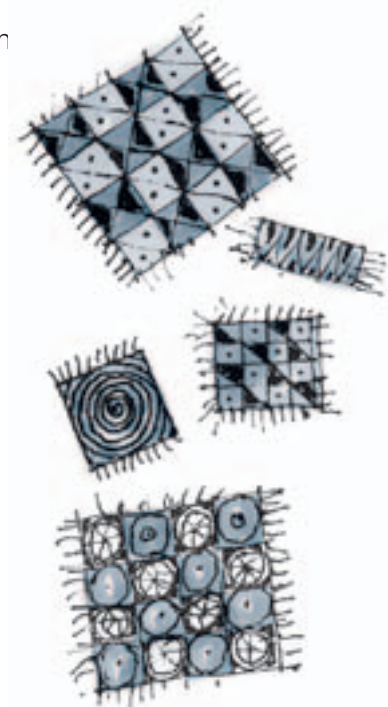
– Veremos – respondeu Atena. – Faremos uma competição, tu e eu, e então veremos.

Atena e Aracne lançaram-se ao trabalho nos seus teares, tecendo durante dias e dias. Usaram os fios mais brilhantes e os padrões mais originais. Finalmente, as duas peças estavam terminadas. Tiraram-nas dos teares e colocaram-nas no chão, lado a lado. Todos vieram admirá-las e tentar decidir qual era melhor.

Em silêncio, Atena olhava as duas tapeçarias maravilhosas. E gritou de raiva. Embora nunca o admitisse, ela via que a tapeçaria de Aracne era melhor do que a sua. Agarrou-a e rasgou-a de alto a baixo.

– Uma vez que és tão habilidosa a tecer – gritou ela a Aracne, que estava aterrorizada –, tecerás para sempre, e ninguém jamais quererá o que tu teceres!

Tocou levemente no ombro de Aracne. A rapariga caiu. Perante o olhar horrorizado de todos os que assistiam, ela encolheu e enrugou-se até se tornar uma pequena mancha negra, cresceram-lhe oito patas e fugiu para um canto escuro. Atena transformara Aracne numa aranha. A partir desse momento, Aracne e todas as suas inúmeras descendentes têm tecido bonitas teias. Podem ver-se em cantos onde o pó abunda ou a brilhar sob o orvalho matinal.



Nas perguntas **1.**, **2.**, **3.**, **4.** e **7.**, assinala com uma cruz a afirmação correcta.

1. No primeiro parágrafo, apresenta-se uma rapariga

- a.** que tecia arduamente para que todas a admirassem.
- b.** que era admirada por todos por ser muito habilidosa a tecer.
- c.** que tecia tecidos maravilhosos porque era muito vaidosa.

☐
☐
☐

2. Um dia, Aracne

- a.** gabou-se de tecer melhor que a deusa Atena.
- b.** chamou a deusa Atena para lhe mostrar o seu trabalho.
- c.** chamou em voz alta por Atena para a desafiar a tecer melhor do que ela.

☐
☐
☐

3. A deusa Atena propôs uma competição entre as duas,

- a.** sabendo que o seu trabalho seria seguramente melhor.
- b.** sorrindo, divertida, com a ousadia de Aracne.
- c.** procurando disfarçar a irritação que a rapariga lhe provocou.

☐
☐
☐

4. No final da competição, Atena rasgou a tapeçaria de Aracne

- a.** porque estava pior do que a sua.
- b.** por não saber perder.
- c.** porque todos a consideraram mais bonita.

☐
☐
☐

5. "(...) *tecerás para sempre, e ninguém jamais quererá o que tu teceres!*"
Como se concretizou esta sentença da deusa Atena?

6. Indica, pelo menos, cinco adjectivos que caracterizem psicologicamente Aracne.

7. Esta história pretende

- a.** mostrar como os deuses são vingativos.
- b.** explicar a origem das aranhas.
- c.** mostrar que os vaidosos são castigados.

☐
☐
☐

Teste de compreensão escrita 2

Ao conto que vais ler, retirámos algumas palavras. Lê-o **em silêncio** e realiza as actividades que se lhe seguem:

A GALINHA CINZENTA

Era uma vez uma galinha cinzenta, muito []. Estava sempre a remoer raivinhas e não se dava com [] da capoeira.

Não suportava o peru, porque se tufava. Não suportava os [], porque nadavam. Não suportava as galinhas castanhas, porque eram castanhas, nem as brancas, porque eram brancas. Um inferno de mau feitio esta galinha cinzenta.

Por vontade dela o galinheiro bem podia ficar [] ou quase, só com uma galinha cinzenta a comer o milho todo.

Como sempre acontece aos invejosos, [] de insónias. Uma noite, estava ela a repisar, mais uma vez, todas as suas [], quando se acercou, do lado de fora da rede, uma raposa de voz []:

– Então não está a dormir, de cabeça debaixo da asa, como todas as suas []?

– Amigas! – repontou a galinha cinzenta. – Umas delambidas, umas tragalhadas, umas palonças... Eu tenho lá amigas neste galinheiro! Quem me dera que viesse um [] que as rapasse a todas.

– Talvez eu possa fazer-lhe a vontade – sugeriu a raposa. – Para vê-la feliz e sem a má companhia das suas colegas, eu sou capaz de todos os sacrifícios. Basta que a minha amiga abra uma [] da porta, que está fechada por dentro.

A galinha cinzenta [] a porta do galinheiro à raposa. Nisto, ouviu-se o [] da quinta a ladrar. A raposeca atarantou-se. Ela, que se preparava para uma razia, deitou o dente ao pescoço do primeiro vulto de penas que apanhou, e fugiu. Era, logo por acaso, a galinha cinzenta.

Há casos e histórias que até parecem de propósito.

1. Coloca as palavras retiradas do texto no seu respectivo lugar:

nesga	vazio	ninguém	sofria	invejosa	más-vontades
vendaval	patos	mansa	cão	abriu	amigas

2. Lê as afirmações seguintes e, sobre cada uma delas, indica se é verdadeira (V), falsa (F) ou impossível de saber (IS).

	V	F	IS
a. A galinha cinzenta vivia numa capoeira com diferentes aves.	☐	☐	☐
b. Ela tinha mau feitio.	☐	☐	☐
c. As suas companheiras detestavam-na.	☐	☐	☐
d. A galinha cinzenta desejava mudar de galinheiro.	☐	☐	☐
e. Como não dormia, pensava na maneira de ficar sozinha.	☐	☐	☐
f. Certa noite, uma raposa meteu conversa com a galinha.	☐	☐	☐
g. A raposa ficou com pena da vida da galinha e quis ajudá-la.	☐	☐	☐
h. A pedido da raposa, a galinha abriu a porta do galinheiro.	☐	☐	☐
i. A raposa entrou e acabou com o problema da galinha.	☐	☐	☐
j. Ao ouvir ladrar um cão, a raposa pensou que ele a tinha visto entrar.	☐	☐	☐
l. Então fugiu com a galinha cinzenta.	☐	☐	☐
m. Esta ficou amiga da raposa por ela a ter tirado do galinheiro.	☐	☐	☐

2.1. Corrige as afirmações falsas.

Teste de compreensão escrita 3

1. No conto seguinte assinalámos com quadrados (□) os excertos que retirámos e que te apresentamos, baralhados, a seguir ao texto.

1.1. Faz uma primeira leitura silenciosa do texto e, de seguida, encaixa cada parte no respectivo lugar, escrevendo a alínea correspondente dentro do □.

SÁBIOS COMO CAMELOS

Há muitos anos viveu na Pérsia um grão-vizir □, que gostava imenso de ler. Sempre que tinha de viajar ele levava consigo quatrocentos camelos, carregados de livros, e treinados para caminhar em ordem alfabética. O primeiro camelo chamava-se Aba, o segundo Baal, e assim por diante, até ao último, que atendia pelo nome de Zuzá. Era uma verdadeira biblioteca sobre patas. Quando lhe apetecia ler um livro o grão-vizir mandava parar a caravana e ia de camelo em camelo, não descansando antes de encontrar o título certo.

Um dia a caravana perdeu-se no deserto. Os quatrocentos camelos caminhavam em fila, uns atrás dos outros, □. À frente da cáfila, □, seguiam o grão-vizir e os seus ministros. Subitamente o céu escureceu, □. As dunas moviam-se como se estivessem vivas. O vento, carregado de areia, magoava a pele. O grão-vizir mandou que os camelos se juntassem todos, formando um círculo. Mas era demasiado tarde. O uivo do vento abafava as ordens. A areia entrava pela roupa, □. Aquilo durou a tarde inteira. Veio a noite e quando o Sol nasceu o grão-vizir olhou em redor e não foi capaz de descobrir um único dos quatrocentos camelos. Pensou, com horror, que talvez eles tivessem ficado enterrados na areia. □

Os camelos, porém, não tinham morrido. Presos uns aos outros por cordas, e conduzidos por um jovem pastor, haviam sido arrastados pela tempestade de areia até uma região remota do deserto. □ Por toda a parte era só areia, areia, e o ar seco e quente. À noite as estrelas quase se podiam tocar com os dedos. Ao fim de quinze dias, vendo que os camelos iam morrer de fome, o jovem pastor deu-lhes alguns livros a comer. Comeram primeiro os livros transportados por Aba, ou seja, todos os títulos começados pela letra A. No dia seguinte comeram os livros de Baal. Trezentos e noventa e oito dias depois, quando tinham terminado de comer os livros de Zuzá, viram avançar ao seu encontro um grupo de homens. Eram as tropas do grão-vizir.

Conduzido à presença do grão-vizir o jovem guardador de camelos explicou-lhe, chorando, o que tinha acontecido. Mas este não se comoveu:

– Eras tu o responsável pelos livros – disse –, assim, por cada livro destruído passarás um dia na prisão.

O guardador de camelos fez contas de cabeça, rapidamente, e percebeu que seriam muitos dias. Cada camelo carregava quatrocentos livros, então quatrocentos camelos transportavam cento e sessenta mil! Cento e sessenta mil dias são quatrocentos e quarenta e quatro anos. ☐ Dois soldados amarraram-lhe os braços atrás das costas. Já se preparavam para o levar preso, quando Aba, o camelo, se adiantou uns passos e pediu licença para falar:

– Não façais isso, meu senhor – disse Aba dirigindo-se ao grão-vizir – esse homem salvou-nos a vida.

O grão-vizir olhou para ele espantado:

– Meu Deus! O camelo fala!...



Explicou que, tendo comido os livros, os camelos haviam adquirido não apenas a capacidade de falar, mas também o conhecimento que estava em cada livro. Lentamente enumerou de A a Z os títulos que ele, Aba, sabia de cor. Cada camelo conhecia de memória quatrocentos títulos:

– Liberta esse homem – disse Aba –, e sempre que assim o desejares nós viremos até ao vosso palácio para contar histórias.

O grão-vizir concordou. ☐ Na Pérsia, naquela época, era habitual dizer-se de alguém que mostrasse grande inteligência:

– Aquele homem é sábio como um camelo.



José Eduardo Agualusa, *Estranhões e Bizarrocos*, 1.ª ed., Publ. Dom Quixote, 2000

- a. Não conseguia imaginar como seria a vida, dali para a frente, sem um só livro para ler. Regressou muito triste ao seu palácio. Quem lhe contaria histórias?
- b. Muito antes disso morreria de velhice na cadeia.
- c. que é como se chama uma fila de camelos
- d. – Falo sim, meu senhor – confirmou Aba, divertido com o incrédulo silêncio dos homens. – Os livros deram-nos a nós, camelos, a ciência da fala.
- e. e um vento áspero começou a soprar de leste, cada vez mais forte
- f. enfiava-se pelos cabelos, e as pessoas tinham de tapar os olhos para não ficarem cegas
- g. – nome dado naquela época aos chefes dos governos –
- h. Durante muito tempo caminharam sem rumo, aos círculos, tentando encontrar uma referência qualquer, um sinal, que os voltasse a colocar no caminho certo.
- i. como um carreirinho de formigas
- j. Isto foi há muito tempo. Mas há quem diga que, quando estão sozinhos, os camelos ainda conversam entre si. Pode ser.
- l. Assim, a partir daquele dia, todas as tardes, um camelo subia até ao seu quarto para lhe contar uma história.

Texto para pontuar 1

1. Lê a seguinte anedota e restabelece a pontuação, os parágrafos e as maiúsculas:



Um homem passeia com uma foca pela rua e encontra um amigo que lhe pergunta o que andas a fazer com uma foca pelas ruas ofereceram-ma e não sei o que hei-de fazer com ela podes levá-la ao Jardim Zoológico sugeriu o amigo já a levei ao cinema e à Feira Popular mas não há nada que a divirta explicou o homem com um ar desanimado

Texto para pontuar 3

1. Lê a seguinte fábula de Esopo e restabelece a pontuação, os parágrafos e as maiúsculas:

O CÃO VELHO E O SEU AMO

Um cão muito velho tendo ido à caça deixou fugir da boca já sem dentes uma grande lebre por este motivo foi cruelmente vergastado pelo seu dono que no fim o afastou de si como se para nada prestasse o cão então disse-lhe devias lembrar-te meu amo que te servi muito bem enquanto fui novo apanhando imensas lebres agora sou velho e já sem forças e só por deixar fugir uma lebre tu bates-me violentamente achas isso justo esta fábula mostra-nos que quem serve pessoas ingratas arrisca-se a ser assim tratado

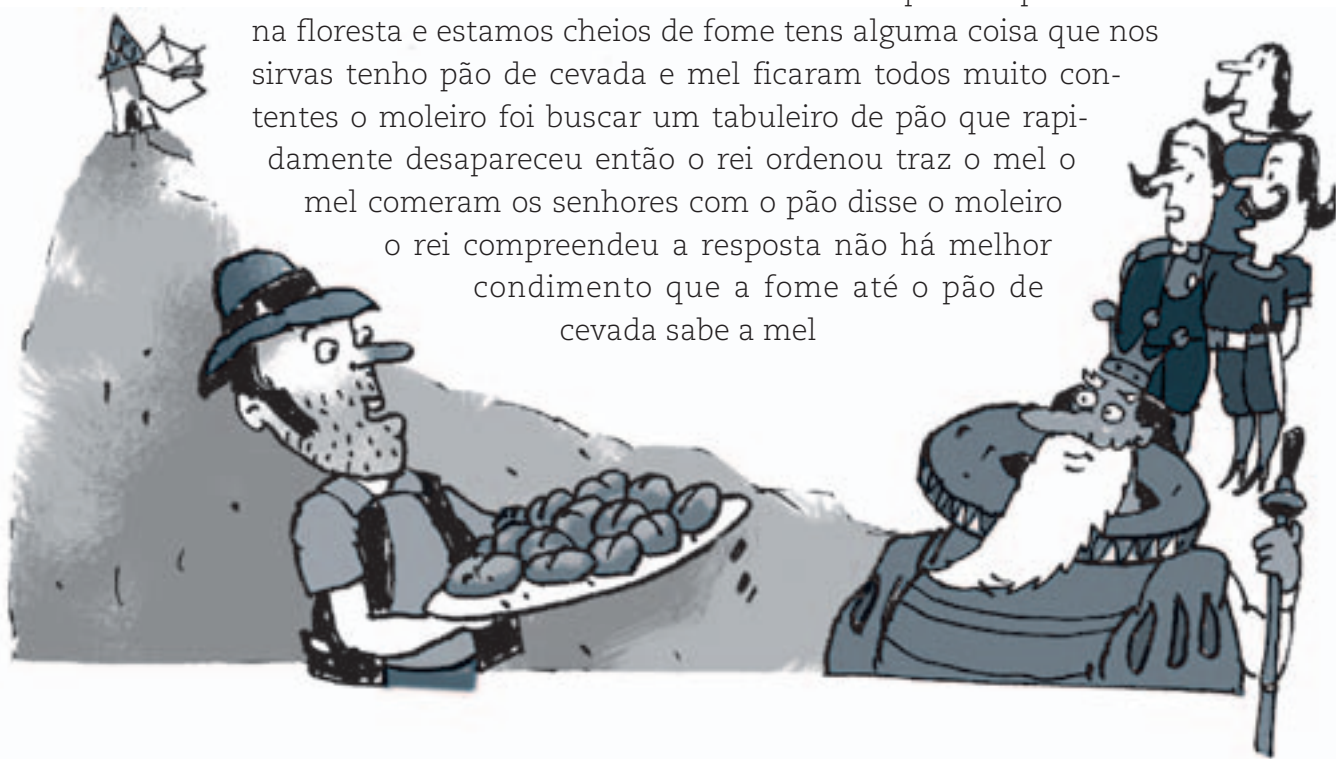


Texto para pontuar **4**

- 1.** Lê o seguinte conto popular e restabelece a pontuação, os parágrafos e as maiúsculas:

O MOLEIRO

Trabalhava no seu moinho um moleiro quando chegou o rei com a sua comitiva e lhe disse há dois dias que nos perdemos na floresta e estamos cheios de fome tens alguma coisa que nos sirvas tenho pão de cevada e mel ficaram todos muito contentes o moleiro foi buscar um tabuleiro de pão que rapidamente desapareceu então o rei ordenou traz o mel o mel comeram os senhores com o pão disse o moleiro o rei compreendeu a resposta não há melhor condimento que a fome até o pão de cevada sabe a mel



Texto para resumir **1**

1. Lê atentamente esta notícia. De seguida, escreve, à frente de cada um dos parágrafos, uma frase que sintetize o seu conteúdo.

ITALIANO REFORMADO PROCURA FAMÍLIA

“Professor reformado procura família que queira adoptar um avô. Dá-se recompensa.” O anúncio rezava mais ou menos assim e foi posto num dos jornais diários italianos com mais tiragem, o Corriere della Sera, no último fim-de-semana.

O apelo é de Giorgio Angelozzi, de 79 anos, um professor reformado, e atingiu o coração de dezenas de famílias, que, desde segunda-feira, lhe ligam de todo o país, mostrando a sua disponibilidade para acolhê-lo.

Angelozzi vive nas redondezas de Roma, sozinho, tendo por companhia sete gatos, desde 1992, ano em que a mulher morreu. O resultado do anúncio surpreendeu-o. “Tantas famílias que me querem adoptar, tantos que querem que eu ensine os seus filhos e os seus netos sobre Horácio e outros autores clássicos”, conta o professor. Entre os que responderam ao apelo está Antonello Venditti, cantor de música popular italiana e antigo aluno de Angelozzi.

O reformado, que oferece 500 euros mensais a quem o acolher, não esperava tanta receptividade, contou ao Corriere della Sera, citado pela Reuters. Angelozzi lembrou ainda que muitos idosos têm o mesmo problema que ele e sofrem de solidão.

Apesar de a Itália ser conhecida pelo importante papel da família, à medida que os anos vão passando e com as alterações na vida familiar, os mais velhos vão ficando esquecidos. No Verão do ano passado, 4175 idosos morreram com a canícula.

in Público, 02-09-2004

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

O RESUMO – AUTOCORRECÇÃO

PLIN6CP-02

Texto para resumir 2

1. Lê atentamente este conto que dividimos em seis partes. De seguida, sintetiza cada uma das partes, de forma a obteres o resumo da história.

SAPATOS PARA UM IMPERADOR

Era uma vez um imperador muito jovem e vaidoso. Todos os seus caprichos eram satisfeitos porque ministros e cortesãos tinham medo de que ele se zangasse...

Uma das suas vaidades era andar sempre vestido com grande luxo e elegância. E quanto a sapatos, chegava a ser impertinente. Mudava constantemente de sapatos, de chinelas, de sandálias, de botas... E todos os dias queria novos pares de sapatos... E tinham de ser sempre diferentes, no feitio, na cor, na qualidade... Os sapateiros da Corte viam-se em aflições para satisfazer as exigências do imperador.

Desesperados, os sapateiros de todo o império reuniram-se para tentarem encontrar novas ideias que agradassem ao jovem imperador. Quando queixas e lamentos já não deixavam lugar para qualquer decisão, elevou-se a voz de um jovem aprendiz:

– Tenho uma solução para as nossas apou-
quentações. Eu resolvo o assunto!

O moço era desenvolto e risonho; devia andar pela mesma idade do imperador e parecia ser, pelo menos, tão teimoso como ele; quando lhe perguntaram como pensava satisfazer os caprichos do seu senhor, o rapaz recusou-se a responder de forma directa.

– Deixem o caso comigo. Depois se verá o resultado. Durante três dias farei todos os sapatos que o nosso imperador quiser e depois... veremos.

E logo dali o rapaz foi ao palácio oferecer-se ao imperador para lhe fabricar uns sapatos como ele nunca tinha visto. Na manhã seguinte ali estaria para ser ele próprio a calçar os novos sapatos ao jovem imperador.



Assim aconteceu. Manhã cedo o aprendiz de sapateiro chegou ao palácio e disse que os sapatos que trazia eram só para serem usados no jardim e que por essa razão o imperador deveria calçá-los junto dos mais belos canteiros dos imperiais jardins.

O jovem e vaidoso imperador quase que morria de curiosidade.

Delicadamente, mas com firmeza, o aprendiz pediu ao imperador que tapasse os olhos com um lenço e se deixasse conduzir para o local onde os sapatos lhe pareceriam mais belos; pegou-lhe na mão e encaminhou-o para o canteiro das rosas de tocar.

Pararam e pouco depois o lenço foi retirado.

– Que lindo! que maravilhoso! – exclamou o imperador.

Na verdade, os pés do vaidoso jovem estavam cobertos das mais lindas flores misturadas e ligadas pela extraordinária habilidade do aprendiz.

Mas o imperador já se queixava:

– Não vou andar com estes sapatos no palácio... só os posso usar no jardim! É preciso que amanhã me tragas outro par diferente.

E o rapaz respondeu, baixando a cabeça:

– Sim, meu senhor. Amanhã terá outro par tão lindo como este.

No dia seguinte o rapaz voltou e disse que os novos sapatos eram só para usar na praia. Tornou a tapar os olhos do imperador com um lenço e levou-o para a beira do mar. Quando lhe retiraram o lenço, o imperador viu que os seus pés estavam calçados com a mais leve espuma do mar.

– Que lindo! que lindo! – voltou a admirar-se o jovem perante o engenho de outro jovem. – Mas não posso levar os meus belos sapatos para o palácio!

– Amanhã, meu senhor, farei outros ainda mais belos.

No terceiro dia o aprendiz conduziu o imperador ao longo de um areal. Impaciente, este arrancou por suas mãos o lenço que não o deixava ver os novos sapatos. Ao caminhar ele tinha sentido os pés envolvidos por um material fino e tépido que lhe dava uma nova sensação de felicidade.

– Que belos sapatos! Que belos sapatos! – repetia o jovem imperador admirando a fina camada de areia dourada que lhe cobria os pés.

Divertido e feliz pegou na mão do sapateiro e arrastou-o. Os dois rapazes corriam pela praia levando nos pés os mais lindos sapatos de areia e mar.

Texto para resumir 3

1. Lê atentamente esta lenda.

LENDA DAS AMENDOEIRAS DO ALGARVE



Quando o Algarve pertencia aos Mouros, há muito tempo – pois foi muito tempo antes do primeiro rei de Portugal –, havia ali um rei mouro que desposara uma rapariga do Norte da Europa, à qual davam o nome de Gilda.

Era encantadora essa criatura, a quem todos chamavam a “Bela do Norte”, e por isso não admira que o rei, de tez cobreada, tão bravo e audaz na guerra, a quisesse para rainha.

Apesar das festas que houve nessa ocasião, uma tristeza mortal se apoderou de Gilda. Nem os mais ricos presentes do esposo faziam nascer um sorriso naqueles lábios agora descorados: a “Bela do Norte” tinha a nostalgia da sua terra.

O rei conseguiu, enfim, um dia, que Gilda, em pranto e soluços, lhe confessasse que toda a sua tristeza era devida a não ver os campos cobertos de neve, como na sua terra.

O grande temor de perder a esposa amada sugeriu então ao rei uma boa ideia. Deu ordem para que em todo o Algarve se fizessem grandes plantações de amendoeiras, e no princípio da Primavera já elas estavam todas cobertas de flores.

O bom rei, antegozando a alegria que Gilda havia de sentir, disse-lhe:

– Gilda, vinde comigo à varanda da torre mais alta do castelo e contemplareis um espectáculo encantador!

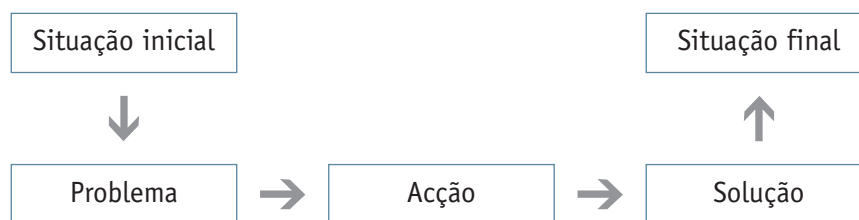
Logo que chegou ao alto da torre, a rainha bateu palmas e soltou gritos de alegria ao ver todas as terras cobertas por um manto branco, que julgou ser neve.

– Vede – disse-lhe o rei sorrindo – como Alá é amável convosco. Os vossos desejos estão cumpridos!

A rainha ficou tão contente que dentro em pouco estava completamente curada. Essa tristeza que a matava lentamente desapareceu, e Gilda sentia-se alegre e satisfeita junto do rei que a adorava: é que ela via todos os anos, do alto da torre, na Primavera, as amendoeiras cobertas de lindas flores brancas, e julgava os campos cobertos de neve, como na sua terra.

Assim viveram por muitos anos, sempre muito felizes, a bela Gilda e o seu marido e senhor.

2. Resume a lenda, de acordo com o esquema seguinte:

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Texto para esquematizar 1

UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Conheço um menino que gosta muito de animais. Gosta de gatos, cães, periquitos, ratos, eu sei lá... Às vezes chego a pensar que ele gosta de todos os animais.

Há tempos esse menino pediu ao pai para lhe dar um cão, um cão grande, de olhos meigos e pêlo macio.

– Ó pai, gostava tanto...

– Um cão?! Nem pensar nisso! – disse logo o pai. – A casa é pequena e o cão nem tinha espaço para se espreguiçar. Nem penses nisso...

Como o menino é realmente muito amigo dos animais acabou por concordar. Pois claro, o animal não podia ser feliz num quinto andar com elevador e vista para a janela do senhor da frente que não tem gato nem cão nem periquito...

Mas o gostinho de ter um animal de estimação voltou com mais força e um dia chegou-se à mãe. Falou-lhe de um gato branco pequenino, muito bonito, muito meigo.

– Um gato!! Que loucura, meu filho! – disse a mãe batendo as almofadas da cama. – Ficava logo a casa cheia de pêlos...

A mãe batia nas almofadas ainda com mais força e o menino acabou por concordar. Mas num dia em que o pai lia serenamente o jornal, o menino veio de mansinho e pediu:

– Pai, gostava tanto de ter um casal de periquitos...

O jornal estremeceu, mas não caiu. A voz vinha do lado de lá.

– Que ideia essa, meu filho! Tu já pensaste bem? Começavam para aí a nascer periquitos e era uma barulheira louca!

Dias depois teve uma ideia que lhe pareceu genial.

– Mãe, ó mãe, um rato, um ratinho branco, posso trazer? Guardo no quarto numa caixa, debaixo da cama e meto na algibeira e dou-lhe migalhas e...

– Um raaaaaatúúúúú! Tu nem penses...! Tenho horror a ratos brancos, cinzentos, azuis, às risquinhas ou aos quadradinhos. Aqui em casa... nunca, ouviste bem?... nunca!

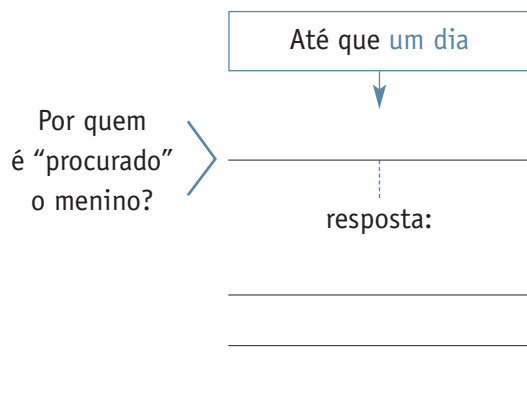
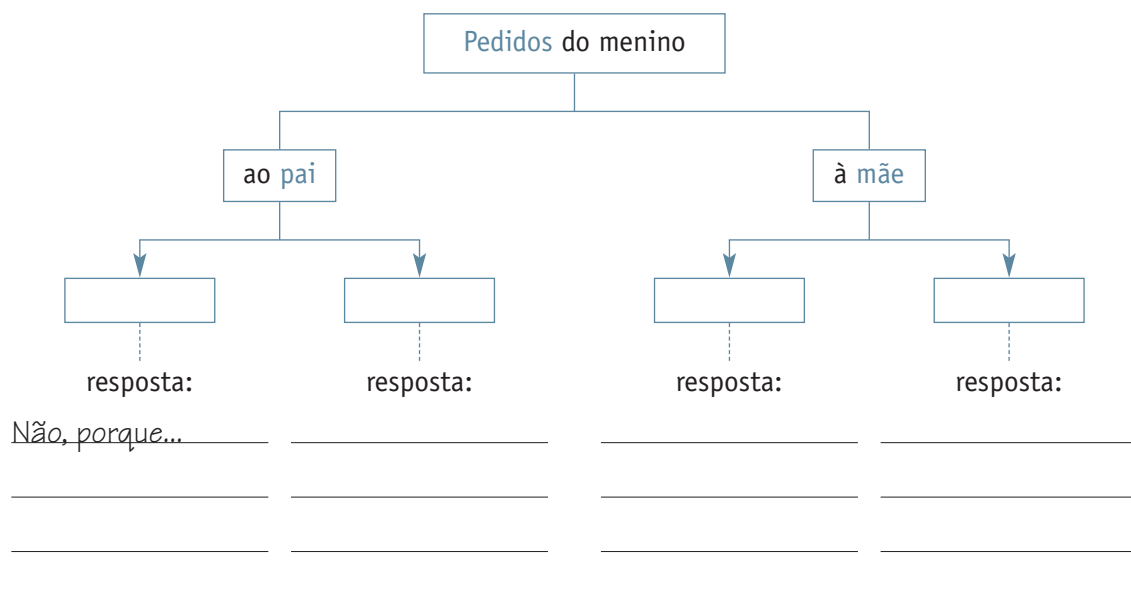
A voz trémula da mãe não deixava a menor esperança. O menino concordou; realmente um rato é um animal assustador, quer dizer, assusta as pessoas... E depois dão guinchos... os ratos... e as pessoas... Paciência, ratos nunca!

Foi em certo dia de calor que o menino percebeu que desta vez era um animal que procurava um dono de estimação. Coçou a perna direita e quase podia garantir que, mesmo sem licença do pai ou da mãe, já tinha ali um animalzito.

Em voz baixa o menino falou ao bichinho:

– A minha mãe não vai deixar que fiques aqui. Ela não gosta de bicharada... e, bem vistas as coisas, parece-me que de pulgas, eu também não gosto!...

1. Completa o esquema:



2. Resume o texto no máximo de dez linhas, a partir do esquema.

Texto para esquematizar 2**ADEUS GASOLINA**

Era uma vez um país à beira-mar, com florestas, campos, cidades e gentes. Rasgado por estradas, cortado por ruas, cheio de automóveis por toda a parte. Os jardins tinham sido alcatroados para parques de estacionamento. As estátuas deitadas abaixo para erguer bombas de gasolina.

Grandes petroleiros aportavam ao cais, carregados de petróleo, que grandes refinarias transformavam em gasóleo, gasolina, que por sua vez grandes autotanques levavam até às grandes estações de serviço.

Os sapateiros remendões tinham deixado de trabalhar porque já ninguém se lembrava de andar a pé. Em vez de se gastarem solas, gastavam-se pneus.

Os meninos ficavam fechados em casa para não serem atropelados e, de rastos nos corredores, brincavam com automóveis miniaturas.

Longe, muito longe, do outro lado do mar, havia outros países com suas gentes. Aí estoiravam bombas no deserto escaldante, furado de poços de onde saía o petróleo. Morriam homens por um palmo de terra ou por uma ideia. E, como a única riqueza que possuíam era o petróleo, deixaram de o fornecer aos países inimigos.

Os petroleiros então partiam e passavam a voltar vazios, os autotanques paravam junto ao cais, vazios, bichas enormes se formavam junto às bombas quase esgotadas. Passou-se a vender vinte litros, dez litros, cinco litros, um litro... até que acabou a última gota de gasolina.

Então foi o pânico. Não havia sequer autocarros, carrinhas de escola, carros de bombeiros ou ambulâncias. Os soldados passaram a ir para a guerra a pé. Mas os generais e outros oficiais superiores requisitaram os cavalos brancos da Guarda Republicana.

Os ministros conferenciaram pelo telefone e acharam por bem exigir os camelos do Jardim Zoológico.

E o Presidente? Como poderia ele fazer as suas deslocações patrióticas, de norte a sul do território? Para o primeiro cidadão da nação, enfeitou-se, com grande pompa, o elefante que toca o sino no Jardim Zoológico. Era imponente e tinha a grande vantagem de ir recebendo moedas dos admiradores que se juntavam para o saudar.

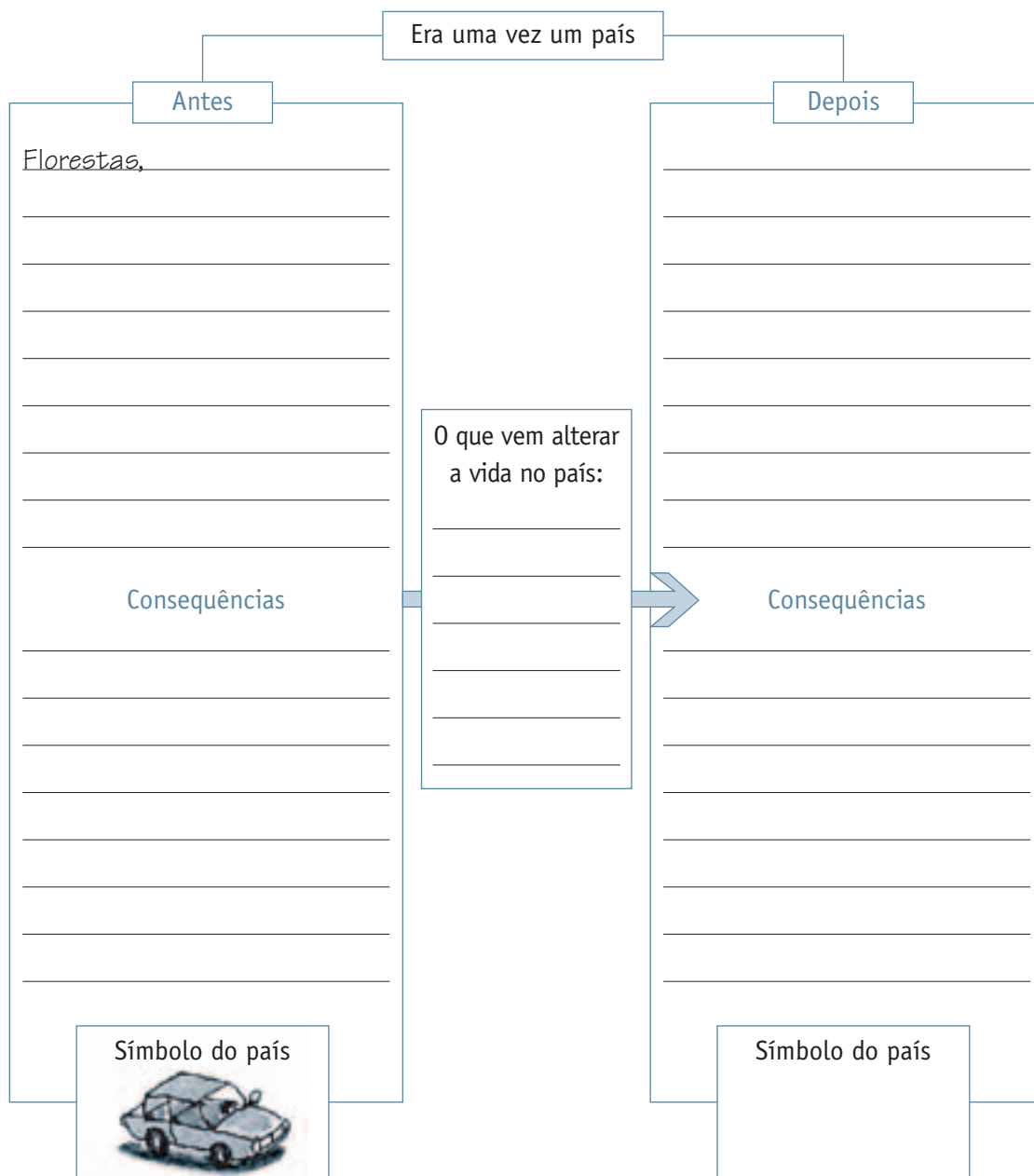
Aqueles senhores endinheirados que andavam a matar gente com carros de corrida compravam cavalos de puro sangue. Os homens da “Volta” pedalavam bicicletas. As famílias numerosas optaram pelas últimas carroças puxadas a mulas. As senhoras medrosas montavam vacas leiteiras. Alguns pais estremosos fizeram carrinhos puxados a cães para os meninos não faltarem às aulas. E o povo, os antigos donos dos automóveis minis e dos modelos comprados a prestações ou em segunda mão? Começaram a comprar burros, tantos, tantos, tantos burros que em breve toda a cidade estava atulhada de burros, trotando, galopando, embirrando que não queriam andar.

Nas inúteis bombas de gasolina vendiam-se molhos de palha e braçados de erva. Já ninguém tinha os ouvidos martirizados pelas buzinas, mas pela bela voz grave e sentimental dos burros a zurrar.

E quando um condutor, furioso, gritava para o outro – Saia da minha frente, seu burro! – já ninguém se irritava, pois pensava que o insulto era dirigido ao orelhudo bicho de quatro patas.

Luísa Ducla Soares, *O Meio Galo*, Ed. Ministério da Educação e Investigação Científica – FAOJ, 1975

1. Completa o esquema:



2. Redige o resumo do conto a partir do esquema. No final, compara-o com o texto original.

Construção de texto 1

1. Lê o início e o fim de um conhecido conto popular. De seguida, imagina e redige a parte retirada.

Os TRÊS PEDIDOS

Era um casal de velhos, que discutiam por dá cá aquela palha...

Uma vez, estavam eles à mesa, sem nada para o jantar, e o velho disse:

- Quem me dera, agora, aqui, uma fada das histórias de antigamente... Fazia-lhe só um pedido.
- Dois – acrescentou a velha.
- Ou três... – corrigiu o velho.



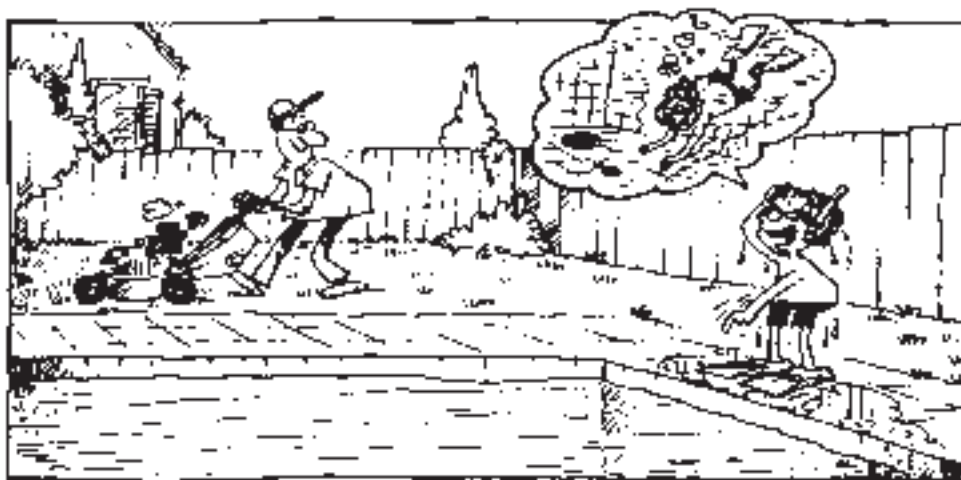


Depois, muito carrancudos, comeram o chouriço a meias. E não lhes soube nada mal.

Construção de texto 2

1. Conta, por palavras, esta banda desenhada “muda”. Distingue claramente as três partes assinaladas: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Introdução



Desenvolvimento







Conclusão



SOLUÇÕES

Pág. 3

COMO NASCERAM AS ZEBRAS

a. F; b. V; c. F; d. V; e. V;

f. F; g. V; h. F; i. F; j. V;

l. F; m. F; n. V; o. F; p. V.

Pág. 5

A CANETA ZITA

1. a; 2. b; 3. b; 4. c; 5. b;

6. b; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a.

Pág. 7

A HISTÓRIA DE ARACNE

1. b; 2. a; 3. c; 4. b.

5. A deusa transformou Aracne numa aranha, que, como todas as aranhas, tece teias pelas quais ninguém se interessa.

6. **Hipóteses:** habilidosa; vaidosa; destemida; orgulhosa; desafiadora; alegre; ousada; trabalhadora.

7. b.

Págs. 8 e 9

A GALINHA CINZENTA

1. Palavras pela ordem em que devem ser colocadas no texto:

invejosa • ninguém • patos • vazio • sofria • más-vontades • mansa • amigas • vendaval • nesga • abriu • cão

2. e 2.1.

a. V; b. V; c. IS; d. F [Ela desejava é que as outras aves saíssem do galinheiro.]; e. IS; f. V; g. F [A raposa pretendia era convencê-la a abrir-lhe a porta do galinheiro.]; h. V; i. F [A raposa acabou com a galinha.]; j. IS; l. V; m. F [A galinha foi comida pela raposa.]

Págs. 10 e 11

SÁBIOS COMO CAMELOS

Ordem pela qual os excertos retirados devem ser colocados no texto: **g., i., c., e., f., a., h., b., d., l., j.**

Pág. 12

Texto para pontuar

Um homem passeia com uma foca pela rua e encontra um amigo que lhe pergunta:

- O que andas a fazer com uma foca pelas ruas?
- Ofereceram-ma e não sei o que hei-de fazer com ela.
- Podes levá-la ao Jardim Zoológico – sugeriu o amigo.

– Já a levei ao cinema e à Feira Popular, mas não há nada que a divirta!... – explicou o homem com um ar desanimado.

Pág. 13

Texto para pontuar

Uma camponesa, mãe de um aluno, foi à escola do filho e queixou-se ao professor:

– O meu Pedrinho, senhor professor, não quer levar os bois a pastar.

– E o que é que eu tenho a ver com isso?! – espantou-se o professor.

– Sabe – explicou a mãe –, é que o senhor professor ensinou-lhe o provérbio “diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és”.

Pág. 14

Texto para pontuar

Um cão muito velho, tendo ido à caça, deixou fugir da boca, já sem dentes, uma grande lebre. Por este motivo, foi cruelmente vergastado pelo seu dono que, no fim, o afastou de si como se para nada prestasse. O cão, então, disse-lhe:

– Devias lembrar-te, meu amo, que te servi muito bem enquanto fui novo, apanhando imensas lebres. Agora, sou velho e já sem forças e, só por deixar fugir uma lebre, tu bates-me violentamente. Achas isso justo?

Esta fábula mostra-nos que quem serve pessoas ingratas arrisca-se a ser assim tratado.

Pág. 15

Texto para pontuar

Trabalhava no seu moinho um moleiro, quando chegou o rei com a sua comitiva e lhe disse:

– Há dois dias que nos perdemos na floresta e estamos cheios de fome. Tens alguma coisa que nos sirvas?

– Tenho pão de cevada e mel.

Ficaram todos muito contentes. O moleiro foi buscar um tabuleiro de pão, que rapidamente desapareceu. Então, o rei ordenou:

– Traz o mel!

– O mel comeram os senhores com o pão – disse o moleiro.

O rei compreendeu a resposta: não há melhor condimento que a fome – até o pão de cevada sabe a mel!

Págs. 16 e 17

ITALIANO REFORMADO...

1. e 2. Exemplo:

1.º § – Um jornal italiano publicou um anúncio de um professor reformado que pretendia ser acolhido por uma família.

2.º § – O seu autor – Giorgio Angelozzi, de 79 anos – recebeu dezenas de propostas.

3.º § – O reformado, que vive com sete gatos, perto de Roma, ficou surpreendido com tantas respostas, entre as quais a de um cantor, seu ex-aluno.

4.º § – O professor oferece 500 euros por mês à família com quem for viver. Ele chamou a atenção para o facto de muitos idosos estarem na sua situação.

5.º § – Com efeito, em Itália, os mais velhos vão sendo cada vez mais esquecidos, como o provam os 4175 idosos mortos pelo calor no Verão de 2003.

Págs. 18 e 19

SAPATOS PARA UM IMPERADOR

Um resumo possível em seis parágrafos:

Havia um imperador muito vaidoso, que gostava particularmente de sapatos, exigindo permanentemente novos modelos.

Os sapateiros do reino estavam aflitos, mas um aprendiz ainda jovem prometeu resolver o problema.

Dirigiu-se ao palácio e combinou com o imperador aparecer no dia seguinte com uns sapatos diferentes.

Na manhã seguinte, o jovem sapateiro explicou que fizera uns sapatos para serem usados no jardim e conduziu o imperador de olhos vendados até um canteiro de rosas. Quando ele olhou para os pés, pensou que as rosas que os cobriam eram uns belos sapatos. Pediu, então, um novo par.

No dia seguinte, o sapateiro anunciou que fizera uns sapatos para a praia e conduziu o imperador à beira-mar. Mais uma vez, o imperador ficou maravilhado com os seus sapatos, que mais não eram do que a espuma do mar, e voltou a pedir novo par.

No terceiro dia, o imperador foi conduzido a uma praia. E de tal maneira gostou do que viu e sentiu nos pés que correu, feliz, pelo areal, de mão dada com o sapateiro.

Págs. 20 e 21

LENDA DAS AMENDOEIRAS DO ALGARVE

Situação inicial: Na época em que o Algarve pertencia aos Mouros, um rei mouro casou com Gilda, uma bela rapariga do Norte da Europa.

Problema: Porém, a rainha sentia-se profundamente triste, com saudades da neve que costumava ver na sua terra.

Ação: Então, o rei mandou plantar amendoeiras em todo o Algarve e, quando elas já estavam floridas, levou a sua amada a vê-las do alto de uma torre.

Solução: A tristeza da rainha acabou, pois pensava ser neve aquilo que via.

Situação final: Desde então, Gilda e o rei mouro viveram completamente felizes.

Págs. 22 e 23

UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Proposta de resumo a partir do esquema:

Um menino que adorava animais pediu, ora ao pai, ora à mãe, vários animais: um cão, um gato, um casal de periquitos e um ratinho branco. Alegando diferentes

motivos, a resposta dos pais foi sempre negativa. Até que um dia, o menino sentiu um animal na sua perna direita: era uma pulga. Desta vez, quem não quis ficar com o animal foi o menino.

Págs. 24 e 25

ADEUS GASOLINA

Antes: Florestas, campos, cidades, gentes; muitas estradas, automóveis, parques de estacionamento e bombas de gasolina; petroleiros, refinarias, autotanques e estações de serviço.

Consequências: Acabaram os sapateiros, porque ninguém andava a pé; os meninos ficavam em casa, por causa do trânsito.

Símbolo do país: Automóvel.

O que vem alterar a vida no país: Os países que tinham petróleo deixaram de o fornecer.

Depois: Acabou a gasolina. Toda a gente passou a andar a pé ou arranjou um animal como transporte. O povo começou a comprar burros e a cidade ficou cheia destes animais.

Consequências: Nas bombas vendia-se palha e erva; o ruído das buzinas foi substituído pelo zurrar dos burros; os insultos entre condutores já não provocavam irritação.

Símbolo do país: Burro.

Págs. 26 e 27

OS TRÊS PEDIDOS

Parte retirada do conto:

E não é que a tal fada logo ali lhes apareceu? Os velhos ficaram maravilhados. Então a fada explicou-se:

– Venho para corresponder aos vossos pedidos. Mas só três. Nem mais um.

E desapareceu.

Os velhos puseram-se a discutir o que haviam de encomendar à fada. Riqueza? Beleza? Juventude? Não havia meio de atinarem com o que realmente queriam. Até que a velha, que estava cheia de fome, se saiu com esta:

– O que me apetecia era um belo chouriço assado.

Logo lhe caiu, não se sabe de onde, um chouriço no prato. Zangou-se o velho:

– Mulher desnaturada, então tu foste desperdiçar um pedido, por causa de um chouriço? Era bem feito que te ficasse pendurado no nariz!

Zás! Dito e feito. O chouriço saltou-lhe do prato e pendurou-se na ponta do nariz da mulher. Os velhos tornaram a barafustar um contra o outro, mas não havia remédio senão utilizar o terceiro pedido.

– Mal empregado – resmungava o velho.

– Preferes que eu continue assim, desfeiteada, o resto da minha vida, homem de fel e vinagre? – protestava a velha, muito fanhosa, por causa do chouriço pendurado no nariz.